



## **ROMPENDO O SILÊNCIO: NEUZA BEZERRA SANTOS E AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1968**

**Charliton José dos Santos Machado\***  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
[charlitolara97@gmail.com](mailto:charlitolara97@gmail.com)

**Maria Lúcia da Silva Nunes\*\***  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
[mlsnunesml@gmail.com](mailto:mlsnunesml@gmail.com)

**Gabriel Alves do Nascimento\*\*\***  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
[gabrielalves.educ@gmail.com](mailto:gabrielalves.educ@gmail.com)

**RESUMO:** Esta pesquisa tem como objetivo de investigação a análise da entrevista concedida pela ex-prefeita de Cuité/PB, Neuza Bezerra Santos, ao Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR/GT-PB, em sua residência, na cidade de Natal/RN, em 08 de agosto de 2018. A ex-gestora foi a segunda mulher a disputar e vencer como candidata do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em 15 de novembro de 1968, um pleito majoritário municipal na história política da Paraíba, em pleno contexto de antecedência ao Ato Institucional Nº 5. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, envolvendo como procedimento técnico a aplicação da história oral temática, cuja abordagem se ampara na perspectiva teórica da História do Tempo Presente. Portanto, o estudo contribuiu, do ponto de vista da história regional, para romper o silêncio sobre a história da participação política das mulheres paraibanas, visibilizando uma personagem que marcou presença como protagonista.

**PALAVRAS CHAVE:** Neuza Bezerra Santos – História Oral Temática – História do Tempo Presente – Participação Política das Mulheres.

## **BREAKING THE SILENCE: NEUZA BEZERRA SANTOS AND THE 1968 MUNICIPAL ELECTIONS**

---

\* Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba/UFPB. Lotado no Departamento de Metodologia da Educação - DME no Centro de Educação/CE. É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) PQ1-D. Membro do Comitê de Assessoramento de Educação - CA-ED/CNPq.

\*\* Doutora em Educação, professora do Departamento de Metodologia da Educação - DME/UFPB.

\*\*\* Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal da Paraíba/UFPB.

**ABSTRACT:** This research aims to investigate the analysis of the interview given by Cuité's (PB) former mayor, Neuza Bezerra Santos, to the "História, Sociedade e Educação no Brasil" Study and Research Group - HISTEDBR/GT-PB, in her residence on Natal (RN), on August 8, 2008. The former manager was the second woman to compete and win as candidate of the Brazilian Democratic Movement (MDB) on November 15, 1968, a municipal majority dispute, in the political history of Paraíba, in full context prior to the Institutional Act number 5. This is a qualitative research, involving a technical procedure such as the application of thematic oral history, whose approach is based on the theoretical perspective of the History of Present Time. Therefore, the study contributed, from the regional history point of view, to break the silence about the history of political participation of women from Paraíba, making visible a character who presents as protagonist.

**KEYWORDS:** Neuza Bezerra Santos – Thematic Oral History – History of Present Time – Political Participation of Women.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo de investigação a análise da entrevista concedida pela ex-prefeita de Cuité<sup>1</sup>, Neuza Bezerra Santos, ao Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” – HISTEDBR/GT-PB, em sua residência, na cidade de Natal/RN, no dia 08 de agosto de 2018.

O recorte específico aqui analisado diz respeito ao período em que a ex-prefeita disputou e venceu as eleições municipais como candidata do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), em 15 de novembro de 1968, no contexto de antecedência ao Ato Institucional Nº 5, AI 5<sup>2</sup>, decretado pelo então presidente da república Marechal da Costa e Silva.

A ênfase e relevância deste estudo diz respeito aos estudos históricos e sociais sobre o papel da mulher na política brasileira do século XX, considerando que, desde a publicação do Decreto nº 21.076 de 24 de fevereiro de 1932<sup>3</sup>, instituindo o voto feminino no Brasil, Neuza Bezerra Santos foi a segunda mulher a ocupar essa posição de ascensão a um cargo majoritário municipal na política eleitoral do estado da Paraíba.

---

<sup>1</sup> Cuité é um município da Paraíba, localizado na Região Geográfica do Curimataú. De acordo com o IBGE, no ano de 2017 sua população era estimada em 20.348 habitantes, e possui área territorial de 741,840 km<sup>2</sup>

<sup>2</sup> O Ato Institucional Nº 5 (AI-5) foi o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar nos anos que se seguiram ao golpe de estado de 1964 no Brasil. O AI-5 emitido pelo presidente Artur da Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968, foi o mais duro de todos os Atos Institucionais.

<sup>3</sup> No código eleitoral Provisório (Decreto 21076), de 24 de fevereiro de 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, o voto feminino no Brasil foi assegurado, após intensa campanha nacional pelo direito das mulheres ao voto, tendo como principal protagonista, a ativista política e bióloga, Dra. Bertha Lutz.

Ressaltamos, também, que a eleição ocorreu em pleno contexto de ampliação das ações de autoritarismo militar, que tolheu brutalmente a participação política do povo brasileiro, principalmente das mulheres, evidenciada pela baixa presença feminina na vida pública nacional, malgrado a revolução “silenciosa” do movimento feminista que já se fazia presente em prol da luta por igualdade de gênero, e que se traduzia, conseqüentemente, nas justas reivindicações de equidade de condições na vida pública e privada para homens e mulheres. Sobre a inserção política da mulher no contexto do autoritarismo militar, destaca Colling (2004, p. 10):

A mulher militante política nos partidos de oposição à ditadura militar cometia dois pecados aos olhos da repressão: de se insurgir contra a política golpista, fazendo-lhe oposição e de desconsiderar o lugar destinado à mulher, rompendo os padrões estabelecidos para os dois sexos.

Ainda sobre a participação feminina nas eleições durante o período autoritário militar na Paraíba, Rabay e Carvalho (2010) afirmam que essa baixa participação já foi evidenciada nas eleições de 1966. Ou seja, nesse ano não houve um único registro de candidatura feminina ao legislativo estadual e federal. Nas eleições seguintes, em 1968, essa condição de desigualdade não sofreu grandes alterações históricas, pois apenas duas mulheres foram registradas como candidatas ao pleito majoritário municipal. Em Solânea, Maria Naldete Pessoa figurou na condição de candidata à vice-prefeita na chapa de Francisco Rodrigues da Costa. Em Cuité foi registrada a candidatura de Neuza Bezerra Santos, eleita prefeita no pleito daquele ano. Realidade que seguiu durante todo o período autoritário, como atesta pesquisa de Brito (2014, p.16), ao afirmar que “[...] durante a ditadura militar, a participação feminina na política paraibana foi bastante reduzida”.

Portanto, este estudo sobre a participação da mulher na política, traz à baila uma personagem feminina silenciada no cenário paraibano, tomando como fonte privilegiada o seu próprio testemunho acerca dos acontecimentos e experiências vivenciadas no complexo jogo de poder das disputas locais daquele contexto.

## **CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, envolvendo como procedimento técnico a aplicação da história oral, cuja abordagem se ampara na perspectiva de leitura da História do Tempo Presente, pois, como advoga Roger Chartier, trata-se da condição de

compreender o “[...] historiador como contemporâneo do seu objeto e, portanto, que partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas referências fundamentais”. (CHARTIER, 1996, p. 216).

Ainda insiste Chartier (1996) que os historiadores do Tempo Presente, ao trabalharem na construção de memórias contemporâneas, tentam identificar, além do discurso histórico comum, as formas múltiplas e possivelmente conflitantes de rememoração e utilização do passado.

Discorrendo sobre a história do Tempo Presente, Delgado e Ferreira (2014, p. 08) reforçam que as ferramentas investigativas nesse campo indicam “[...] a proximidade dos historiadores em relação aos acontecimentos, pois são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo”. Assim, são testemunho e ator de seu tempo, algo que nos faz valorizar os eventos e processos próximos ao tempo pesquisado da história. (DELGADO E FERREIRA, 2014).

Nessa perspectiva da História do Tempo Presente e como dito anteriormente, a pesquisa foi realizada no campo da História Oral. Para Thompson (1992), trata-se de uma história construída em torno de pessoas e, dessa forma, possibilita a ampliação das probabilidades de pesquisa e interpretação de um passado recente. Sendo assim, sua tarefa consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com pessoas/personagens de acontecimentos, conjunturas, movimentos, lugares e modos de vida da história atual. E, como tal, o estudo em questão possibilitou-nos (re)construir e ressignificar caminhos da trajetória pessoal e política da ex-prefeita Neuza Bezerra Santos.

De acordo com Alberti (2004) o potencial da História Oral está em ampliar no presente o conhecimento sobre o passado, visto que:

Uma das principais vantagens da história oral deriva justamente do fascínio do vivido. A experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento. Quando bem aproveitada, a história oral tem, pois, um elevado potencial de ensinamento do passado, porque fascina com a experiência do outro. Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas. (ALBERTI, 2004, p.22)

Ainda sobre o processo de coleta da fonte com a entrevista de História Oral, Delgado (2006, p.17) nos adverte que: “[...] Constitui-se no diálogo do presente com o

passado. Um diálogo vivo e enriquecido por estímulos que podem se fazer presentes no próprio decorrer do processo de gravação do depoimento oral.”

Acerca da técnica de pesquisa com a entrevista de História Oral realizada, Golin (2002, p.21) reconhece que:

A entrevista revela uma situação assimétrica: apenas um dos sujeitos é objeto do conhecimento; ao outro cabe o papel de indagar, pontuando com exclamações, interrogações ou comentários ao discurso alheio. Técnicas sociológicas de coleta de histórias de vida buscam amenizar essa circunstância ao conduzir espécie de solilóquios, onde o indivíduo interrogado é convidado a restituir o passado a partir do seu ritmo e orientação, com intervenções mínimas do pesquisador.

Nesse sentido, a entrevista semiestruturada e de viés temático realizada com a ex-prefeita Neuza Bezerra Santos ocorreu em sua residência, na cidade de Natal/RN, no dia 08 de agosto de 2018 e foi gravada em áudio na forma digital por meio de um MP3 Player (Samsung Media Studio), por cerca de 04 horas e trinta sete minutos, sendo posteriormente transcrita, seguindo a ordem da transcrição da gravação, do narrado para o escrito, nas seguintes etapas: a) de transcrição absoluta; b) de textualização; e c) de copidesque. Antes da entrevista foram explicados à ex-prefeita os itens contidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além das razões e relevância científicas do trabalho desenvolvido, obtendo assim sua anuência para possíveis publicações como resultado das fontes orais.

O material acessado na entrevista compõe a memória individual à qual D. Neuza acessa, elabora e transforma em palavra para trazer a público. Neste exercício, a entrevistada vale-se constantemente de seu pertencimento a grupos sociais que, ao tempo retomado pela memória, vivenciaram com a mesma experiências e acontecimentos re(a)presentados no ato da entrevista. Ao (re)memorar o vivido “lança mão” do que guardou, mas também do que outros sujeitos lembram e contam sobre o processo político em que ocupou lugar de destaque. Mesmo que se considere a polissemia da memória e as especificidades nomeadas de coletiva, social e individual, no momento da entrevista oral, quando a memória é o objeto privilegiado por excelência, torna-se visível que o vivido, embora pessoal, constitui o coletivo e é por este constituído, numa ratificação de inserção do sujeito no social. Assim, a memória tem no sujeito o seu revitalizador, que a revigora, altera, (re)cria, revivifica. Em oposição à história, segundo Pierre Nora (1993, p.9):

A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, **coletiva, plural e individualizada**. (grifos nossos)

Ao longo da entrevista, a conexão entre o individual, o coletivo, o vivido e o guardado pelo grupo na composição da memória da configuração política na qual Dona Neuza foi sujeito de destaque vem à tona em seu discurso.

É importante ressaltar que durante todas as etapas do processo de transcrição da gravação foi preservada a correspondência entre o que foi gravado e o que foi transcrito de modo a manter a fidedignidade às histórias e às memórias da ex-prefeita Neuza Bezerra Santos, com foco temático sobre as suas experiências e lembranças das eleições municipais que disputou e venceu, em 15 de novembro de 1968.

## QUEM É NEUZA BEZERRA SANTOS?

Neuza Bezerra Santos, “Madrinha Neuza” ou “Dona Neuza”, como ficou conhecida ao longo da vida pública, nasceu no município de Catolé do Rocha<sup>4</sup>, coração do sertão paraibano, em 29 de novembro de 1939. É a terceira filha do casal Euclides Bezerra Cavalcanti e Maria Eterna Sampaio Cavalcanti. Viveu parte da sua infância e adolescência na cidade de Esperança<sup>5</sup>, posteriormente, mudando-se em 1951 com a família para Cuité, cidade escolhida pelo genitor, que vislumbrava organizar um novo empreendimento comercial, visando melhorar de vida e, por conseguinte, criar condições de educar os nove filhos, dos doze que sobreviveram quando crianças.

Em Cuité, Neuza Bezerra Santos passou ao convívio juvenil em uma nova cidade. Nascia assim a relação com novos amigos e os contatos escolares. Por decisão dos pais foi matriculada no Instituto América, instituição educativa particular de ensino primário mas que estava autorizada pelo Decreto nº 460/52, a formar futuros professores

---

<sup>4</sup> Catolé do Rocha é um município da Paraíba, localizado na Região Geográfica do Sertão. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2014 sua população era estimada em 29.794 habitantes e tem uma área territorial de 552 km<sup>2</sup>

<sup>5</sup> Esperança é um município da Paraíba, cuja população foi estimada pelo IBGE em 31.095 habitantes, e tem uma área territorial de 161km<sup>2</sup>.

do ensino primário. Na referida instituição, “A habilitação desses profissionais se dava por meio do cumprimento do Curso Normal Regional de duração de cinco anos” (LIMA; PEREIRA SOBRINHO; ARAÚJO, 2020, p. 193).

Foi no referido instituto educacional que ela conheceu Orlando Venâncio dos Santos<sup>6</sup>, então professor de desenho e língua portuguesa, e chefe político local. Embora já tivesse conhecimento do mesmo, por se tratar do prefeito constitucional da cidade, até então não tinham qualquer contato pessoal mais íntimo.

Da admiração juvenil escolar surgiu posteriormente um flerte entre ela e o ex-professor. Ressalte-se que, com apenas dezoito anos de idade, Neuza Bezerra Santos tinha vivenciado poucas experiências de namoro, algo justificado por ela como normal, mediante os padrões culturais e as imposições ao feminino à época. Com Orlando Venâncio Santos, professor e prefeito da cidade, quatorze anos mais velho, o namoro rapidamente evoluiu para o noivado. Em pouco mais de um ano ocorreu o casamento, em 09 de março de 1958, quando Neuza Bezerra Santos tinha apenas dezenove anos.

Com essa trajetória Neuza Bezerra Santos certamente seguia o padrão cultural comum reservado às mulheres da sua época: dedicar-se ao lar, à família, ao cuidado e à educação dos filhos, como recomendavam as tradições patriarcais em relação aos papéis estabelecidos na estrutura familiar. (MACHADO; NUNES, 2008).

Além desse papel de tradição da mulher na família patriarcal, Neuza Bezerra Santos teria também que assumir a condição de Primeira Dama do Município de Cuité, mesmo em final de mandato do marido como prefeito constitucional daquela cidade, cabendo-lhe auxiliar o esposo nas tarefas sociais e políticas, dentro dos limites e regramentos culturais que impunham essa institucionalidade à mulher na vida pública, particularmente como atividade “[...] de ordem filantrópico-benemerente no âmbito da atenção à pobreza”. (TORRES, 2002, p.39).

O curto período como primeira dama permitiu ampliar sua relação com a população de Cuité, participando de uma agenda assistencial que a tornaria conhecida na cidade como “Madrinha” Neuza, em referência ao seu estilo de convívio com os problemas das famílias mais pobres da cidade.

---

<sup>6</sup> Orlando Venâncio dos Santos nasceu em Cuité, em 20 de janeiro de 1926. Destacou-se como advogado e político. Formado pela Faculdade de Direito do Recife, foi prefeito de Cuité em 1955, liderando a União Democrática Nacional (UDN), em 1958 mudou para o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e em 1967, com o bipartidarismo, ingressou no MDB, depois PMDB. Exerceu o cargo de Procurador Federal do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). Faleceu em Natal, em 06 de outubro de 1988.

Dez anos depois, com apenas 29 anos de idade e já mãe de cinco filhos, foi escolhida como candidata à prefeita de Cuité pelo MDB, para suceder o cunhado do esposo. Sua presença no embate eleitoral de 1968 marcaria definitivamente o momento histórico e político da cidade. Era a primeira mulher a disputar um pleito naquele município e a segunda nesta condição de representação majoritária na política do estado da Paraíba.<sup>7</sup>

## AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1968

As eleições municipais realizadas em 15 de novembro de 1968 ocorreram sob a vigência do Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965, assim como as eleições diretas para governadores estaduais, em 15 de novembro de 1965 e para Senador, Deputado Federal e Deputado Estadual, em 1966. O famigerado AI-2 adotou o bipartidarismo no Brasil instituindo a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) de viés majoritariamente governista e Movimento Democrático Brasileiro (MDB), opositorista. Como consequência direta, a nova legislação eleitoral extinguiu todas as siglas partidárias que foram criadas após o processo de redemocratização a partir das eleições de 02 de dezembro de 1945<sup>8</sup> e consolidadas na Constituição de 1946. De acordo com Machado (2009, p. 26):

Com o AI-2, que deu origem ao MDB e ARENA, o presidente Castelo Branco, apesar das inúmeras resistências, decretou o fechamento do Congresso Nacional com a participação das forças militares. Assim, o Congresso Nacional foi obrigado a aprovar a nova Carta Constitucional, outorgada em 24 de janeiro de 1967, que institucionalizava concretamente a ditadura.

Na verdade o que estava em jogo à época era a necessidade do sistema autoritário que governava o país estabelecer um maior controle político sobre as estruturas de poder

---

<sup>7</sup> Maria Dulce Barbosa, educadora e protagonista política foi a primeira vereadora de Campina Grande, entre os anos de 1947-1951 e a primeira prefeita da Paraíba, eleita para administrar a cidade de Queimadas, no Agreste, entre os anos de 1963-1968. Faleceu em 08 de março de 2013, aos 96 anos de idade.

<sup>8</sup> A realização das eleições foi um passo importante na redemocratização do país. Outros seriam dados a seguir: em 31 de janeiro de 1946, Dutra tomou posse na presidência da República e em 2 de fevereiro foi instalada a Constituinte. Somente em junho Vargas assumiu sua cadeira de senador, representando seu estado natal. Finalmente, em 18 de setembro de 1946 a Constituição foi promulgada, sem a assinatura de Getúlio, que havia retornado ao Rio Grande do Sul.



e disputas eleitorais, principalmente, nos pequenos e médios municípios. Haja vista que nas capitais as eleições diretas também haviam sido suspensas em nome da segurança nacional<sup>9</sup>. Sobre essa questão, de acordo com Brito (2014), o regime militar na Paraíba passou a interferir diretamente nos resultados das eleições e dos eleitos pós-1964 e, sob o argumento da “Ordem Constitucional” muitos foram cassados e perderam direitos políticos:

Os prefeitos das principais cidades da Paraíba, João Pessoa e Campina Grande foram cassados pela ditadura: Newton Rique, Severino Cabral, Ronaldo Cunha Lima, Orlando Almeida, todos de Campina Grande; Antônio Mariz, de Sousa, e Domingos Mendonça Neto, de João Pessoa. Foram cassados ainda os prefeitos Antônio Teixeira, de Santa Rita, e Antônio Fernandes de Andrade, de Rio Tinto. (BRITO, (2014, p. 64).

Na Paraíba, no pleito estadual anterior, em 1965, João Agripino Filho<sup>10</sup> havia sido consagrado como governador, derrotando o arquirrival Ruy Carneiro<sup>11</sup> por uma diferença de apenas 2.927 votos. Como governador eleito e aliado do sistema autoritário nacional, Agripino se filiou à ARENA e passou a percorrer as regiões do estado buscando fortalecer sua liderança política e as bases arenistas em disputa nas eleições municipais de 1968.

## **BREVE HISTÓRICO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE CUITÉ**

O pleito municipal de Cuité no histórico e agitado ano de 1968 recolocava em campo de disputa o experiente ex-prefeito Jaime da Costa Pereira<sup>12</sup>, fiel aliado do governador João Agripino Filho e agora filiado à ARENA, partido de viés governista.

---

<sup>9</sup> Em 1966, por indicação do governador João Agripino, Damásio Barbosa da Franca assume o governo da capital João Pessoa, em substituição a Domingos de Mendonça Netto, cassado pelo regime militar.

<sup>10</sup> João Agripino Filho, advogado e político, oriundo das famílias de grande influência política e econômica no estado da Paraíba e Rio Grande do Norte. Ocupou diversos cargos públicos, inclusive de Ministro das Minas e Energias e foi governador da Paraíba, de 31 de janeiro de 1966 a 15 de março de 1971.

<sup>11</sup> Ruy Carneiro, paraibano de Pombal, advogado e político, ocupou diversos cargos públicos, sendo o último de senador da República. Após o golpe de 1964 filiou-se ao MDB e não teve seus direitos políticos cassados. Em todas as suas campanhas usava o mote: Forte é o povo.

<sup>12</sup> Jaime da Costa Pereira foi prefeito de Cuité entre 1959-1963. O vice de Jaime Pereira nestas eleições foi o bioquímico Álvaro Furtado (PSD, aliado de Humberto Lucena).

As famílias Pereira e Venâncio e respectivos aliados já vinham travando acirradas disputas eleitorais desde a emancipação política do município<sup>13</sup>, ocorrida em 25 de janeiro de 1937. De acordo com Soares (2020, p. 152):

Durante o período de 1937 a 1947, os prefeitos que governaram Cuité num total de 14, foram todos nomeados pelos Interventores Federais em nosso Estado. Pedro Viana da Costa foi o primeiro prefeito do nosso Município, ficando no cargo pouco mais de seis meses, seguido por João Venâncio da Fonseca que fica no cargo até agosto de 1939.

Após esse ciclo histórico de nomeações de gestores durante o Estado Novo, as disputas municipais passaram ao voto direto, como preconizava a Constituição de 1946 e sob o fortalecimento das principais siglas constituídas no processo de redemocratização do país: Partido Social Democrático (PSD), União Democrática Nacional (UDN) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Em Cuité a rivalidade das famílias Pereira e Venâncio se dava principalmente nos enfrentamentos entre as representações partidárias do PSD, UDN e PTB. Na primeira disputa municipal de 1947, os udenistas liderados por Basílio Magno da Fonseca impuseram uma acachapante vitória sobre o pessedista, João Teodósio da Silva Coelho. Em números, o primeiro venceu com 1.386 votos (69,44%), contra 610 votos (30,56%) do segundo, resultando assim numa diferença histórica de 776 votos, em referência ao colégio eleitoral daquela época.

Entre 1947 e 1963, os dois grupos se revezaram no poder em disputas mais equilibradas, com destaque para as eleições ocorridas em 1955, quando o advogado Orlando Venâncio dos Santos derrotou o médico José Pereira da Costa<sup>14</sup>, por uma surpreendente diferença de apenas três votos<sup>15</sup>. De acordo com Soares (2020), essa histórica disputa produziria o mais simbólico confronto entre as famílias Pereira e Venâncio na vida da cidade.

---

<sup>13</sup> A emancipação política de Cuité resultou de um movimento popular, onde se destacaram Jeremias Venâncio dos Santos, João Venâncio da Fonseca, João Teodósio da Silva, Basílio Fonseca, padre Luiz Santiago, Rivaldo Fonseca, Benedito Venâncio, Jovino Pereira e Pedro Viana da Costa, este último escolhido para ser o primeiro prefeito do município, oficialmente instalado no dia 25 de janeiro de 1937.

<sup>14</sup> José Pereira da Costa é médico e político. Após essa acirrada derrota nas eleições de 1958, foi eleito deputado estadual por três eleições consecutivas: 1958, 1962 e 1966, demonstrando prestígio para além da realidade local.

<sup>15</sup> Dados do TRE – PB: Orlando Venâncio dos Santos (1.543 – 49,27%) e José Pereira da Costa (1540–49,17%).

Nas eleições de 1959, a disputa eleitoral reeditaria o confronto entre as famílias Pereira e Venâncio. Desta feita, se colocavam em confronto Jaime Pereira da Costa (PSD) e Felipe da Silva Coelho (PTB). Nesta eleição foi registrada a maior abstenção da história política da cidade, pois 49,8% dos eleitores deixaram de comparecer às urnas, num eleitorado de 3.817, ou seja, votaram apenas 1916 e deixaram de votar 1901 eleitores (SOARES, 2020). Ao final do pleito, o candidato pessedista consagrou-se vitorioso com 1000 votos (52,19%) contra 916 votos do oponente trabalhista (47,81%), uma diferença de 84 votos. Era a retomada do poder político, agora com apoio do irmão, o médico José Pereira da Costa, que após a sofrida derrota municipal em 1955, se consagraria como liderança regional, ao vencer como deputado estadual em três pleitos sucessivos: 1958, 1962 e 1966.

Em 1963, coube ao pecuarista e produtor rural Cláudio Gervásio Furtado, recuperar o poder municipal em nome das famílias Furtado e Venâncio. Liderando o PTB, o candidato consagrou-se vitorioso sobre José Ernesto dos Santos, com uma diferença de 120 votos. Ou seja, 52,07% contra 47,93% do adversário. Apesar dos acirramentos anteriores, essa eleição ficaria na história e memória como uma disputa civilizada, em se tratando dos fortes confrontos locais.

Porém, mediante esse histórico de embates eleitorais recentes, as eleições de 1968 reservariam mais um “acerto de contas” no voto entre os grupos Pereira e Venâncio, dada a beligerância estabelecida em prol da conquista do poder municipal.

## **NEUZA BEZERRA SANTOS: MEMÓRIAS DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 1968**

As eleições municipais de Cuité em 1968 trazem ao confronto político o experiente ex-prefeito Jaime Pereira da Costa. Do outro, Neuza Bezerra Santos, a jovem esposa do líder político e ex-prefeito, Orlando Venâncio Santos, apoiada pelo então prefeito de Cuité, Cláudio Gervásio Furtado.

Neuza Bezerra Santos, com apenas 29 anos de idade e já mãe de cinco filhos, foi escolhida como candidata à prefeita de Cuité pelo MDB, para suceder o cunhado do esposo. Sua presença no embate eleitoral de 1968 marcaria definitivamente o momento histórico e político da cidade. Era a primeira mulher a disputar um pleito naquele

município e a segunda nesta condição de representação majoritária na política do estado da Paraíba.

Além dos obstáculos culturais que dificultavam o acesso da mulher à vida pública, Neuza Bezerra Santos destaca o ambiente de restrições políticas que marcavam aquele contexto autoritário no Brasil:

Não tinha consciência de tudo que estava acontecendo, aliás, muitas coisas só tivemos conhecimento anos depois, porque havia censura nos meios de comunicação. Depois do AI-5, que fechou o Congresso Nacional, a repressão aumentou muito, o governo tinha o poder de cassar os políticos e a censura foi instaurada. Mas, a gente não tinha consciência de tudo. De vez em quando ficava-se sabendo de alguma notícia de que a repressão aos opositores era cada vez mais forte. Orlando era bem informado porque tinha acesso a jornais, mas nem tudo era publicado, porque havia censura dos meios de comunicação. Então a situação foi ficando grave e tínhamos o maior cuidado até de falar, de fazer críticas. A liberdade de expressão era cerceada e a repressão aumentava cada vez mais. (SANTOS, 2018).

No que pese a compreensão da ex-prefeita sobre o período do autoritarismo na vida política do Brasil daquele contexto, os embates eleitorais que agitavam as pequenas cidades, a exemplo de Cuité, não propiciavam grandes enfrentamentos ideológicos entre os candidatos. Em regra, as forças políticas se moviam pelo debate de interesse local e sem grandes questionamentos à ordem política vigente no Brasil.

Porém, era a presença de uma mulher naquela disputa eleitoral do município o ingrediente da inovação eleitoral. Rabay e Carvalho (2010) alertam que, mesmo sempre estando presente, a representação feminina nos pleitos ao legislativo e executivo ainda era muito incipiente nos anos de 1960. Por isso, dada a ordem histórica de poder masculino, tornar-se-ia inevitável o questionamento a sua condição na vida pública como candidata. Sobre essa questão Neuza Bezerra Santos afirma:

[...] Teve também momentos difíceis, protagonizados pela campanha adversária, com discriminação à mulher, insultos, etc.[...] queriam desqualificar a minha candidatura por ser mulher. Diziam que eu não estava à altura de governar o município e outras coisas também que não fica bem dizer aqui, coisas muito grosseiras, desrespeitosas, que, infelizmente, ainda vemos nos dias atuais. (SANTOS, 2018).

Sobre essa questão do “lugar” da mulher na política, principalmente do questionamento à participação do feminino na vida pública, Barreira (1993) entende que a presença da mulher em atividades tradicionalmente ocupadas por homens, faz das

questões de ordem moral e da sexualidade um dos referentes fundamentais de construção e desconstrução da sua imagem política. Nesse sentido, no embate da representação política, a campanha de Neuza Bezerra Santos buscou no próprio apelo ao feminino da tradição religiosa uma forma de aglutinação das famílias, principalmente das mulheres, sensibilizadas com sua causa política:

[...] Foi uma campanha abraçada pelas mulheres, talvez por eu ser dona de casa e mãe se viram representadas... os nossos comícios eram muito lindos, meu Deus! Onde eu chegava era recebida com muito carinho, as pessoas me traziam flores, foram momentos que marcaram muito a minha vida [...] Eu acho que foi a campanha mais linda que já teve em Cuité, o povo me acolheu com muito carinho e as mulheres, especialmente, se sentiam muito representadas [...] (SANTOS, 2018).

A expressão da religiosidade e a mensagem voltada à mulher se constituíram num trunfo estratégico daquele acirrado pleito eleitoral de 1968, arregimentando forças de mobilização política na cidade, principalmente, angariando o apoio feminino à candidatura de Neuza Bezerra Santos:

Não era comum a mulher participar da política, tanto que eu fui a segunda prefeita na Paraíba. Nós não tínhamos, naquela época, a percepção de que era importante a participação da mulher na política, a mulher ainda não tinha as mesmas oportunidades que os homens, culturalmente eram tratadas de uma forma diferente. Mas eu percebi que era muito importante a participação da mulher tanto na política, como também em outros segmentos da sociedade. E foi o que ficou demonstrado quando eu me candidatei, as mulheres se identificaram com a minha candidatura porque eu as representava. Naquela época, a mulher tinha um papel importante, mas secundário, então quando fui escolhida para ser a candidata do partido foi uma grande surpresa e também uma grande honra. (SANTOS, 2018).

Foi nesse confronto de imaginário do feminino x masculino na disputa eleitoral que nasceu o slogan: “Tudo Azul com Dona Neuza”, que, além de denotar uma escolha política, representava a força, a esperança e o entusiasmo que motivava presença da mulher naquela disputa. Tudo e todas com ela, era a cor da unidade de homens e, principalmente das mulheres, uma “coligação” cívica feminina:

O azul era a cor do nosso partido, em Cuité. Esse slogan, surgiu espontaneamente, quando um aliado nosso chamado Ninval Furtado, em um dos comícios, vendo muita gente de azul, muitas bandeiras, falou “Tudo Azul com Dona Neuza”! Então, outras pessoas começaram a dizer e de repente virou um slogan, pegou nas ruas! Onde eu passava,

ouviam alguém dizendo “Tudo Azul com Dona Neuza” [...] Então, as mulheres de Cuité tiveram uma participação muito grande na minha campanha, seja nas equipes de trabalho, seja participando dos eventos. (SANTOS, 2018).

Ao ser interrogada sobre a utilização da cor azul, qual o significado, se havia um sentido explícito para isto, a entrevistada afirmou não lembrar. Mas é importante ressaltar que a expressão “tudo azul” é registrada no dicionário como gíria, com o significado de “tudo bem”, “tudo ótimo”. Além disso, no Dicionário de símbolos, a cor azul, na maioria das culturas, assume conotações positivas como: espiritualidade, transparência, sabedoria, pureza, lealdade. E para os católicos, está associada ao manto da Virgem Maria, sinônimo de pureza e paz.

Teria sido estratégia de campanha o uso da cor azul? Não se tem informações para responder a curiosidade. O sabido é que a cor azul passaria a simbolizar toda a trajetória da campanha e a se constituir na marca preponderante da participação das mulheres nas passeatas e nos comícios durante a campanha eleitoral de 1968, protagonizando verdadeiras manifestações festivas, entoando o jingle, erguendo bandeiras azuis nas casas, ruas e na Praça Barão do Rio Branco, Centro da cidade, uma verdadeira cruzada à conquista de mentes e corações do eleitorado em favor da emedebista Dona Neuza:

Diferentemente das campanhas de hoje, tudo era muito simples, mas muito organizado. O dinheiro era pouco, tudo era feito com a ajuda dos amigos e correligionários, mas fazíamos grandes comícios e passeatas. Havia as palestras nos bairros, que eram conversas para um número menor de pessoas, geralmente, era necessário apenas um microfone... Já os comícios eram eventos maiores, depois tinha as passeatas, tudo muito organizado, com bandeiras, músicas, etc... tinha a ala das moças, que cantava as músicas e animava os comícios. (SANTOS, 2018).

A “Ala das Moças”, como assim ficou denominada pela coordenação da campanha de Neuza Bezerra Santos, também ficou marcada pelo grande evento de finalização da campanha, dada a demonstração da força política da mobilização das mulheres, uma verdadeira batalha para conquistar o eleitorado naquela disputa municipal de 1968. A passeata das “Moças Azuis” foi o marco de todo o processo de mudança desencadeado durante o período eleitoral de 1968 e reuniu centenas de mulheres em passeatas nas ruas de Cuité. De acordo com Neuza Bezerra Santos:

[...] a passeata das mulheres foi o evento mais bonito da campanha. Foi um evento muito bem organizado, com a participação de centenas de pessoas, as mulheres na frente, todas de azul, com cartazes, cantando, repetindo o slogan “Tudo Azul com Dona Neuza”. (SANTOS, 2018).

Assim, a mobilização com a passeata liderada pela “Ala das Moças” provocaria uma resposta imediata do adversário arenista, que não tardaria em lançar como contraponto político de campanha e na mesma proporção de força, a grande “passeata dos vaqueiros”, em apoio ao candidato Jaime Pereira da Costa. A passeata que demarcaria sua boa relação com os eleitores de viés rural: “[...] foi um evento tão grandioso que a candidatura adversária em resposta organizou um evento que chamou passeata dos vaqueiros”. (SANTOS, 2018).

Após dias de intensos embates, a eleição foi encerrada com a histórica vitória de Neuza Bezerra Santos com 2.587 votos (54,58%) e Jaime Pereira da Costa 2.153 votos (45,42%), uma diferença de 434 votos, segundo dados oficiais do Tribunal Regional Eleitoral (TRE).

No entanto, essa diferença ou maioria eleitoral é objeto de disputas de memórias entre os dados oficiais, imagens e lembranças daquela conquista de ascensão da primeira mulher ao comando do executivo municipal de Cuité. Contrariando as informações oficiais registradas no TRE, a entrevistada assegura ter sido uma maioria de 481 votos. Mas, nas imagens fornecidas por ela mesma, o número 480 é destacado no evento político das comemorações da vitória eleitoral. Assim, para Soihet (2009, p. 289), essa “disputa” entre o lembrar e o esquecer faz parte de uma memória individual e coletiva, pois: “[...] não temos muita consciência das coisas que esquecemos, exatamente porque a esquecemos, sendo o esquecimento o destino de muitos acontecimentos na época em que se deram”.

A expressiva vitória de Neuza Bezerra Santos nas eleições municipais de 1968 foi marcada por muitas festividades e comemorações. Era a continuidade de um projeto político do MDB e, por conseguinte, da família Venâncio que havia apostado na renovação de quadros, ao lançar como candidata uma jovem mulher. Sobre a festa da vitória, lembra a entrevistada:

Quando saiu o resultado foi uma festa, o povo tomou as ruas para comemorar, foi uma alegria muito grande, uma bela vitória! Depois fizemos uma festa para comemorar, foi festa muito organizada, muito bonita, que contou com a presença de pessoas da cidade e da zona rural, foi uma vitória realmente muito comemorada. (SANTOS, 2018).

Dessa forma, no ano de 1968, a cidade de Cuité presenciava algo além de uma disputa de rivalidades pelo poder local envolvendo duas poderosas famílias tradicionais. Celebrava, principalmente, a ascensão da segunda mulher eleita na Paraíba pelo voto direto, mãe de cinco filhos, que aos vinte e nove anos tomaria posse, em 31 de janeiro de 1969, para comandar os destinos governamentais da cidade.

A partir desse novo contexto, nascia a “Madrinha Neuza”, a prefeita, a mulher, esposa e mãe, que passaria para história de Cuité como uma liderança política preocupada com o social e com atenção à pobreza, ou seja, voltada ao contato direto com os mais humildes. E, nessa perspectiva, passou a atuar prioritariamente na busca da resolução de questões assistenciais, apesar de reconhecer os limites impostos pela realidade econômica da gestão municipal, haja vista que, segundo ela, “[...] as condições de vida eram muito precárias e o município não tinha recursos para mudar aquela situação, também não havia os programas sociais que têm hoje” (SANTOS, 2018).

Mas também, a gestão de Neuza Bezerra Santos notabilizou-se pela execução de importantes obras na realidade local, apesar dos exíguos apoios e parcerias em âmbito estadual e federal. Entre elas, destaca-se o plano de expansão urbana, com calçamentos, iluminação pública, quadra de esportes e modernização da Praça Barão do Rio Branco, bem como a construção inicial do Hospital da Criança e o Estádio de Futebol Jeremias Venâncio dos Santos. Na zona rural, além das políticas de apoio às frentes de trabalho, dedicou-se à construção de estradas e açudes. As referidas obras foram elencadas e destacadas numa publicação divulgada pela administração do município em dezembro de 1972.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo buscamos trazer à baila as narrativas de memória da ex-prefeita Neuza Bezerra Santos, na perspectiva de reconstituir a história das eleições municipais de Cuité/PB, em 1968, cujo pleito disputou e venceu com 54,58% dos votos (2.587), sendo a segunda mulher a alcançar êxito numa disputa majoritária na Paraíba, em pleno contexto militar.

A pesquisa contribui, do ponto de vista da história regional, para romper o silêncio sobre a história da participação política eleitoral das mulheres paraibanas,



visibilizando uma personagem que marcou presença como protagonista política em pleno contexto de ampliação das ações de autoritarismo militar.

Entre lembranças e esquecimentos de uma experiência vivida há mais de 50 anos, a ex-gestora reconhece que aos 29 anos de idade, mãe de cinco filhos e esposa de um líder político local, à época ainda não tinha a consciência do seu próprio papel como mulher e política do momento em que se travava uma disputa eleitoral em pleno cenário do autoritarismo militar no país.

Portanto, buscamos aqui neste estudo articular o testemunho pessoal de Neuza Bezerra Santos, ressignificando seus percursos e caminhos, em todas as nuances e detalhes possíveis, ao cenário da época, das circunstâncias sociais e coletivas, na perspectiva de um tempo histórico presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Imagens do feminino na política. In: XIMENES, Teresa (Org.). **Novos paradigmas e realidade brasileira**. Belém: Editora UFPA, 1993

BRITO, Gilvan de. **A Ditadura na Paraíba**: listas com mortos, desaparecidos, torturados e torturadores. João Pessoa: Patmos Editora, 2014.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 37-49

COLLING, Ana Maria. As mulheres e a ditadura militar no Brasil. In: **História em revista**, Pelotas/RS, v. 10, p. 10, dez, 2004.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo, identidade. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. Introdução. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **História do tempo presente**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2014. p. 07-12.

GOLIN, Cida. **Mulheres de escritores**: subsídios para uma história da vida privada. São Paulo: EDUCS, 2002.

LIMA, José Zito; PEREIRA SOBRINHO, José; ARAÚJO, Israel da Silva. Educação: memórias, fatos e representações. In: In: MARQUES, Crisólito; FONSECA JÚNIOR, Demócrito Humberto da; SOARES, Eliel; ARAÚJO, Israel; PEREIRA SOBRINHO, José (Orgs.). **Nossa terra, nossa gente**. Campina Grande: Editora GRAPHIC, 2020. p. 181-210.

MACHADO, Charliton J. dos S. Machado; NUNES, M. L da Silva. Feminismo revisitado: práticas e representações políticas de educadoras paraibanas em 1930. In: **Revista de Educação** PUC-Campinas. 2008; (24); 39-51

MACHADO, Charliton José dos Santos Machado. **Histórias e memórias do conservadorismo feminino no Brasil**: do Golpe aos primeiros anos da Ditadura Militar – questões políticas e educacionais. João Pessoa: Editora UFPB, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. In: Proj. História, São Paulo (10), dez. 1993, p. 7-28. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso: 2/2/2021.

RABAY, Glória; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Mulher e política na Paraíba**: histórias de vida e de luta. João Pessoa: Editora UFPB, 2010.

SANTOS, Neuza Bezerra. **Entrevista** cedida a Charliton José dos Santos Machado e Maria Lúcia da Silva Nunes. Natal, 08 de agosto de 2018.

SOARES, Eliel. Tópicos históricos sobre a política de Cuité. In: MARQUES, Crisólito; FONSECA JÚNIOR, Demócrito Humberto da; SOARES, Eliel; ARAÚJO, Israel; PEREIRA SOBRINHO, José (Orgs.). **Nossa terra, nossa gente**. Campina Grande: Editora GRAPHIC, 2020. p. 137-179.

SOIHET, Rachel. As armadilhas da memória: relatos de uma ex-militante. In: SOIHET, Rachel; ALMEIDA, Maria Regina celestino de; AZEVEDO, Cecília; GINTIJO, Rebeca. **Mitos, projetos e práticas políticas**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009. p. 273-290.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, Iraildes Caldas. **As Primeiras Damas e a Assistência Social**: relações de gênero e poder. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

**RECEBIDO EM: 24/09/2020**

**PARECER DADO EM: 19/01/2021**